CONSENTIR, RECONHECER, CONFIAR

Sueli Miranda

" O estilo é uma distância, uma diferença. (...) O que é sério é estar no significante, isto é, também no estilo, visto que é aí que começa a escritura".
Roland Barthes

Para abordar a questão *"Que Escola queremos?"*, recortei três palavras da clínica psicanalítica que comentarei em seguida.

Consentir é uma palavra da qual muitas coisas dependem quando o assunto é psicanálise. Na entrada em análise, o sujeito consente em interrogar seu sintoma e o analista em conduzir ou não o tratamento. No final de uma análise, o sujeito pode reconhecer no gozo do sintoma a parte sem essência de seu ser e consentir com o incurável. O analista, por sua vez, pode consentir em não curar, aceitando uma posição de *extimidade silenciosa*.

No que se refere ao Espaço-Escola, *consentir* e *reconhecer* situam-se ao lado feminino e articulam-se à lógica do não-todo em um terreno que envolve a relação de cada um com o impossível. Admitir a *varidade* e a particularidade permite o *reconhecimento* entre os colegas em uma comunidade analítica. Isso implica em conviver com o irredutível em um campo que não comporta a síntese, como observa Freud, na carta 133: *"A conclusão assintótica do tratamento, ainda que no fundo me resulte indiferente, parece ser contudo uma fraude mais para os que o vêem de fora. (...) Em alguns momentos sinto agitar-se em mim*

impulsos para uma síntese; mas me cuido em mantê-los dominados".

Em Freud, o momento de concluir é também o momento da apreensão do impossível. O final de uma análise faz emergir a singularidade do sujeito que adquire, então, um estatuto de nome. É nesse sentido que podemos pensar em uma Escola feita de nomes próprios como designações de singularidades.

Se no final o sujeito cria uma causa de mais-de-gozo, como lembra Colette Soler (1) em seu texto "O corpo no ensino de J. Lacan", *"ele criará uma causa como se cria uma razão, pois ele terá renunciado a criar uma – causa - da relação sexual"*. Mas para que a causa ocupe o lugar do agente é necessária a circulação dos discursos. Toda tentativa de capturar o analítico através da petrificação do discurso do mestre resulta sempre na confusão entre a moral do poder e a ética da psicanálise.

A solidariedade dos discursos faz com que o do mestre possibilite o do analista. Na entrada em análise, por meio de um quarto de giro até o discurso da histérica, o trabalho de investigação do inconsciente inaugura-se. E, por sua vez, o novo giro que coloca a causa no lugar do agente só é possível com a passagem pelo discurso da histérica. Assim, pretendo dizer que, se há uma solidariedade que possibilita o laço social na instituição analítica, ela refere-se primeiramente aos discursos. A democracia, se concernente ao discurso da histérica, constitui-se como uma das peças da engrenagem que favorece o discurso do analista. Se acreditamos que o mestre não será encarnado, devemos tirar disso suas conseqüências lógicas. Marie-Jean Sauret conclui seu trabalho "O mestre de Escola" com as seguintes palavras: *"O inconsciente é o mestre de uma Escola que ele não governa, mas à qual ele permite ensinar, quando ela é uma escola de psicanálise"*.

Se há algo capaz de coletivizar a dispersão que o *cada um por si* do objeto engendra, se há algo capaz de coletivizar singularidades e fazer borda pelo que nos causa, creio que esse algo não é outra coisa senão as ressonâncias do significante "Campo Lacaniano" sob a forma da incidência de seus princípios éticos.

Para concluir, examino a questão da confiança tal qual a concebo no Espaço-Escola:

1 - A psicanálise sugere a não confiança no Outro, uma vez que o Outro não existe. Fazer apelo à confiança em um Outro institucional consistente arrasta a psicanálise do terreno da causa para o terreno dos ideais. Fazer apelo ao ideal é seguir em direção oposta ao analítico.

2 - Com relação às eleições democráticas, não me parece que se

trata, aí, de confiança, mas de *legitimidade* política e *de representatividade.*

3 - Assim, eu localizaria o significante *confiança*, de preferência, ao lado do *osso* e da *autorização por si mesmo*, em uma seqüência lógica: *consentir* (instante de olhar);

reconhecer (tempo para compreender) e *confiar* (momento de concluir). Confiar na solidariedade dos discursos, confiar que a causa analítica engendra uma borda. Confiar, não no Outro, mas na possibilidade do analítico em uma Escola de psicanálise. Lá, onde a produção se dá à medida que o Outro não responde.

Através dessas informações surge uma curiosa conjunção entre cartel e passe, talvez pela expectativa de que a experiência de insucesso/ fracasso (*échec*) aponte para algo da estrutura (real) do dispositivo do passe e não só do funcionamento (a composição, por exemplo.) Por essa razão, suponho, Lacan tenha aproximado ao máximo os dois dispositivos sem contudo condensá-los. Ao propor passe "e" cartel Lacan aponta para a distinção fundamental entre "o que se escreve e de onde se escreve" - em ambos os dispositivos.

O CARTEL, aí sim, funcionando como meio de trabalho do que o inconsciente cifra - a partir dos efeitos do passe para cada um - dirigindo a investigação de sua possibilidade e seus limites. Ao retornar para o CARTEL o insucesso/fracasso (échec) da experiência, Lacan reproblematiza os efeitos do passe na Comunidade analítica, e reinscreve o produto próprio de cada um na série dos demais CARTÉIS da Comunidade a qual pertencemos. Lacan vai além de dar ao CARTEL a tarefa de mecanismo que barraria as "Suficiências". O CARTEL, tal qual interpreto em Lacan, tende a promover com seu trabalho que a libido circule, que as metáforas se realizem, que o desejo, enfim, transmita...

Como bem lembrou Jacques Adam (*Problèmes de garantie*, Rede da Ifcl, 24/5/00) "Não há formação do analista, certo, mas há formações do inconsciente e a gente almeja uma Escola onde os analistas se recrutem segundo o inconsciente."

Ou seja, há CARTEL sem passe, mas não há passe sem cartel.

Contudo, dizer cartel "do" passe faz supor, a meu ver, a fórmula descrita por Lacan em *D'écolage*, isto é, um cartel como outro qualquer e que exige de seus membros a inscrição individual de seus "temas de trabalho"...

Certamente para "descolar" e quiça "decolar" - como brincou Quinet no título de seu trabalho - o Campo Lacaniano cuja via são nossos trabalhos com os diferentes percursos, evidentemente, ou então nos tornaremos

uma Igreja ou o Exército.

Por essa via o dispositivo CARTEL no âmbito da futura Escola do Campo Lacaniano se reveste de uma importância fundamental - com sua função de pesquisa e aprendizagem como já disseram diversos colegas – para realizarmos topologicamente o trabalho em nossa Comunidade.

1 SOLER, C. *L'Analyse finie*. Paris, Univ. de Paris VIII, Département de Psychanalyse, 1994, p. 6-10.
2 FREUD,S. *Obras Completas*. T III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p.3641.
3 SOLER,C. *O corpo no ensino de Jacques Lacan*. Belo Horizonte, Cadernos do Simpósio, 1989, p.23.
4 SAURET,M-J. O Mestre de Escola. In: *Comunidade Analítica de Escola*. Org. E. Schermann e V. Pollo.
Rio de Janeiro: Marca D'Água Livraria Editora, 1999, p.78.
5 SOLER, op. cit. 1989, p.23.
6 SAURET, op. cit. 1999, p.77.